

Índice

<i>Animula Vagula Blandula</i>	9
<i>Varius Multiplex Multiformis</i>	33
<i>Tellus Stabilita</i>	95
<i>Sæculum Aureum</i>	147
<i>Disciplina Augusta</i>	203
<i>Patientia</i>	257
Apontamentos sobre as <i>Memórias de Adriano</i>	279
Nota	307

ANIMULA VAGULA BLANDULA

Meu caro Marco:

Fui esta manhã a casa de Hermógenes, o meu médico, que acaba de regressar à Villa depois de uma viagem bastante longa pela Ásia. Devia ser observado em jejum; tínhamos marcado a consulta para as primeiras horas da manhã. Deitei-me num leito depois de ter tirado o manto e a túnica. Poupo-te a pormenores que te seriam tão desagradáveis como a mim próprio, e à descrição do corpo de um homem que avança na idade e se prepara para morrer de uma hidropisia do coração. Digamos apenas que tossi, respirei e retive o fôlego conforme as indicações de Hermógenes, alarmado, a seu pesar, pelos progressos tão rápidos do mal e disposto a atribuir as culpas ao jovem Iolas, que me tratou durante a sua ausência. É difícil permanecer imperador na presença de um médico e difícil também conservar a qualidade de homem. O olho do prático* só via em mim um montão de humores, triste amálgama de linfa e de sangue. Veio-me esta manhã, pela primeira vez, a ideia de que o meu corpo, este fiel companheiro, este amigo mais seguro, melhor conhecido por mim que a minha alma, não passa de um monstro dissimulado que acabará por devorar o seu dono. Basta... Amo o

* Designação antiga para pessoas que se dedicam a práticas medicinais ou a ciências ocultas. (N. E.)

meu corpo; serviu-me bem e de todas as maneiras, e não lhe regateio os cuidados necessários. Mas já não conto, como Hermógenes pretende ainda fazer, com as virtudes maravilhosas das plantas e a dosagem exacta dos sais minerais que ele foi buscar ao Oriente. Este homem, aliás tão fino, dirigiu-me vagas fórmulas de reconforto, excessivamente banais para enganarem alguém; ele bem sabe como eu odeio esse género de impostura, mas não é impunemente que se exerce a medicina durante mais de trinta anos. Perdoo a tão bom servidor esta tentativa de me esconder a minha morte. Hermógenes é competente; é mesmo sábio; a sua probidade é muito superior à de um vulgar médico da corte. Terei a sorte de ser o mais bem tratado dos doentes. Mas ninguém pode ultrapassar os limites prescritos; as minhas pernas inchadas já me não aguentam as longas cerimónias romanas; sufoco; e tenho sessenta anos.

Não te iludas: não estou ainda fraco o bastante para ceder às imaginações do medo, quase tão absurdas como as da esperança e seguramente muito mais penosas. Se fosse preciso enganar-me a mim mesmo, preferia que fosse no sentido da confiança; não perderia mais com isso e sofreria menos. Este fim tão próximo não é necessariamente imediato; deito-me ainda, todas as noites, com a esperança de chegar à manhã seguinte. Adentro dos limites intransponíveis de que te falei há pouco, posso defender a minha posição passo a passo e recuperar mesmo algumas polegadas do terreno perdido. Não deixo por isso de ter chegado à idade em que a vida se torna, para cada homem, uma derrota aceite. Dizer que os meus dias estão contados não significa nada; sempre assim foi; é assim para todos nós. Mas a incerteza do lugar, do tempo e do modo, que nos impede de distinguir bem o fim para o qual avançamos sem cessar, diminui para mim à medida que a minha doença mortal progride. Qualquer pessoa pode morrer de um momento para outro, mas o doente sabe que passados dez anos já não será vivo. A minha margem de hesitação já se não alonga em anos, mas em meses. As minhas probabilidades de acabar com uma punhalada no coração ou por uma queda de cavalo tornam-se cada vez menores; a peste parece-me improvável, a lepra ou o cancro afigu-

ram-se-me definitivamente afastados. Já não corro o risco de cair nas fronteiras, atingido por um machado caledónio ou trespassado por uma flecha parta; as tempestades não souberam aproveitar as ocasiões que se lhes ofereceram, e o feiticeiro que me predisse que eu me não afogaria parece ter acertado. Morrerei em Tíbure, em Roma, ou em Nápoles quando muito, e uma crise de sufocação encarregar-se-á da tarefa. Serei levado pela décima ou pela centésima crise? É essa a única questão. Assim como o viajante que navega entre as ilhas do Arquipélago vê despontar, ao entardecer, uma espécie de névoa luminosa e descobre pouco a pouco a linha da costa, eu começo a avistar o perfil da minha morte.

Certas fracções da minha vida assemelham-se já a salas desguarnecidas de um palácio demasiadamente vasto que um proprietário empobrecido renuncia a ocupar todo. Deixei de caçar: se não houvesse mais ninguém para os incomodar nas suas rumações e brincadeiras, os cabritos monteses dos montes da Etrúria estariam perfeitamente tranquilos. Mantive sempre com a Diana das florestas as relações variáveis e apaixonadas de um homem com o objecto amado: adolescente, a caça ao javali proporcionou-me as minhas primeiras possibilidades de encontro com o comando e o perigo; entregava-me a elas com furor; os meus excessos nesse género valeram-me ser repreendido por Trajano. O adestramento dos cães numa clareira de Espanha foi a minha mais antiga experiência da morte, da coragem, da piedade pelas criaturas e do prazer trágico de as ver sofrer. Homem feito, a caça repousava-me de muitas lutas secretas com adversários umas vezes demasiado espertos ou demasiado obtusos, outras vezes demasiado fracos ou demasiado fortes para mim. Esse justo combate entre a inteligência humana e a sagacidade da caça brava parecia-me estranhamente correcto comparado com as ciladas dos homens. Imperador, as minhas caçadas na Toscana serviram-me para avaliar a coragem ou os recursos dos altos funcionários: eliminei ou escolhi mais de um homem de Estado. Mais tarde, na Bitínia, na Capadócia, fiz das grandes batidas um pretexto de festa, um triunfo outonal nas florestas da Ásia. Mas o companheiro das minhas últimas caçadas morreu novo e o meu

gosto por esses prazeres violentos baixou muito desde que partiu. Mesmo aqui, em Tíbure, basta o resfolegar súbito de um veado por entre a folhagem para fazer estremecer em mim um instinto mais antigo que todos os outros e graças ao qual me sinto tanto lobo-tigre como imperador. Quem sabe? Talvez eu tenha poupado muito o sangue humano por ter feito correr tanto o da caça brava, que, por vezes, preferia secretamente aos homens. Seja como for, a imagem das feras acompanha-me mais e tenho dificuldade em não ceder ao meu gosto de contar intermináveis histórias de caça, que poriam à prova a paciência dos meus convidados da noite. Sem dúvida, a lembrança do dia da minha adoção tem encanto, mas a dos leões mortos na Mauritània também não é má.

A renúncia ao cavalo é um sacrifício ainda mais custoso: uma fera não passa de um adversário, mas um cavalo era um amigo. Se me tivessem deixado escolher a minha condição, teria adoptado pela de Centauro. As relações entre *Borístenes* e eu eram de uma clareza matemática: obedecia-me como ao seu cérebro e não como ao seu dono. Consegui eu alguma vez que um homem fizesse o mesmo? Uma autoridade tão total comporta, como qualquer outra, os seus riscos de erro para o homem que a exerce, mas o prazer de tentar o impossível quando se tratava de saltar um obstáculo era grande de mais para que eu lamentasse um ombro deslocado ou uma costela partida. O meu cavalo substituía as mil noções aproximadas do título, da função, do nome, que complicam a amizade humana, apenas pelo conhecimento do meu peso certo de homem. Partilhava a meias os meus ímpetos; sabia exactamente, e talvez melhor que eu, o ponto em que a minha vontade entrava em desacordo com a minha força. Mas já não imponho ao sucessor de *Borístenes* o fardo de um doente de músculos amolecidos, excessivamente fraco para se içar sozinho até ao dorso de uma montada. O meu ajudante de campo Céler está neste momento a treiná-lo na estrada de Preneste; as minhas experiências passadas, quanto a velocidade, permitem-me partilhar o prazer do cavaleiro e o do animal, avaliar as sensações do homem lançado a toda a brida num dia de sol e de vento. Quando Céler salta do cavalo, retomo com

ele contacto com o solo. Sucede o mesmo com a natação: renunciei a ela, mas participo ainda da delícia do nadador acariciado pela água. Correr, mesmo no mais breve dos percursos, ser-me-ia hoje tão impossível como a uma pesada estátua, um César de pedra, mas lembro-me das minhas corridas de criança nas colinas secas de Espanha, do desafio connosco mesmos em que se vai até à falta de fôlego, na certeza de que o coração perfeito e os pulmões intactos restabelecerão o equilíbrio; e tenho uma compreensão, que a inteligência só por si me não daria, do mais insignificante atleta que se exercita na corrida ao longo do estádio. Assim, de cada arte praticada no seu tempo, tiro um conhecimento que me compensa em parte dos prazeres perdidos. Acreditei, e nos meus bons momentos acredito ainda, que seria possível partilhar desta maneira a existência de todos, e esta simpatia seria uma das espécies menos revogáveis da imortalidade. Houve momentos em que esta compreensão se esforçou por ultrapassar o humano, foi do nadador à vaga. Mas aí, deixando de ser esclarecido por qualquer coisa exacta, entro no domínio das metamorfoses do sonho.

Comer de mais é um vício romano, mas eu fui sóbrio com voluptuosidade. Hermógenes não teve de modificar nada no meu regime senão, talvez, esta impaciência que me fazia devorar, fosse onde fosse e a qualquer hora, a primeira iguaria que me apresentassem, como se quisesse acabar de uma só vez com as exigências da minha fome. E é claro que um homem rico, que só conheceu a privação voluntária, ou que a experimentou apenas a título provisório, como um dos incidentes mais ou menos excitantes da guerra ou da viagem, teria pouca razão para se gabar de não comer de mais. Empanturrar-se em certos dias de festa foi sempre a ambição, a alegria e o orgulho natural dos pobres. Agradava-me o odor de carnes assadas e o ruído de marmitas rapadas nas festas do exército, e que os banquetes do acampamento (ou o que no acampamento era um banquete) fossem o que deveriam ser sempre, uma alegre e rude compensação das privações dos dias de trabalho; tolerava bastante bem o cheiro de frituras das praças públicas no tempo das Saturnais. Mas os festins de Roma causavam-me tanta repugnância

e aborrecimento que, se alguma vez julguei morrer durante uma exploração ou uma expedição militar, disse para comigo, como reconforto, que ao menos não tornaria a jantar. Não me façás a injúria de me tomar por um vulgar renunciador; uma operação que se realiza duas ou três vezes por dia e cujo fim é alimentar a vida merece certamente todos os nossos cuidados. Comer um fruto é fazer entrar em si próprio um belo objecto vivo, estranho, alimentado e favorecido como nós pela terra; é consumir um sacrifício em que nos preferimos às coisas. Nunca trinqueei o pão das casernas sem ficar maravilhado por a digestão daquela massa pesada e grosseira poder transformá-la em sangue, em calor, talvez em coragem. Ah! Porque não possui o meu espírito, nos seus melhores dias, mais que uma parte dos poderes assimiladores de um corpo?

Foi em Roma, durante as longas refeições oficiais, que me aconteceu pensar nas origens relativamente recentes do nosso luxo, nesse povo de cultivadores económicos e soldados frugais, alimentados a alho e cevada, subitamente emporcalhados pela conquista nas cozinhas da Ásia, tragando aquelas comidas complicadas com uma rusticidade de camponeses dominados por uma fome canina. Os nossos Romanos atafulham-se de hortulanas, inundam-se de molhos e envenenam-se com especiarias. Um Apício orgulha-se da sucessão dos serviços, desta série de pratos ácidos ou doces, pesados ou subtis, que compõem a bela organização dos seus banquetes; se cada uma das suas iguarias fosse servida à parte, assimilada em jejum, sabiamente saboreada por um apreciador de papilas intactas, ainda vá. Apresentadas misturadamente, no meio de uma profusão banal e quotidiana, formam no paladar e no estômago do homem que come uma detestável confusão em que os cheiros, os sabores e as substâncias perdem o seu valor próprio e a sua encantadora identidade. Esse pobre Lúcio comprazia-se outrora em confeccionar-me pratos raros; as suas empadas de faisão, com a sua sábia dosagem de presunto e de especiarias, testemunhavam uma arte tão exacta como a do músico ou do pintor; eu lamentava contudo a carne limpa da bela ave. A Grécia percebia mais disso: o seu vinho resinado, o seu pão guarnecido com sésa-

mo, os seus peixes assados na grelha à beira-mar, desigualmente escurecidos pelo lume e temperados aqui e ali pelo estalido de um grão de areia, satisfaziam puramente o apetite sem rodear de excessivas complicações a mais simples das nossas alegrias. Saboreei em certa espelunca de Egina ou de Falero alimentos tão frescos que se conservavam divinamente limpos, apesar dos dedos sujos do criado da taberna, tão módicos, mas tão suficientes, que parecia conterem sob a forma mais resumida possível qualquer essência de imortalidade. A carne cozida na noite das caçadas tinha também essa qualidade quase sacramental, levava-nos mais longe, às origens selvagens das raças. O vinho inicia-nos nos mistérios vulcânicos do solo, nas riquezas minerais escondidas: uma taça de Samos bebida ao meio-dia, em pleno sol, ou, ao contrário, absorvida por uma noite de Inverno, num estado de fadiga que permite sentir imediatamente na concavidade do diafragma o seu derramamento quente, a sua segura e escaldante dispersão ao longo das artérias, é uma sensação quase sagrada, por vezes forte de mais para uma cabeça humana; já a não acho tão pura quando sai das adegas numeradas de Roma, e o pedantismo dos grandes conhecedores de bebidas impacienta-me. Mais piedosamente ainda, a água bebida na concha da mão ou mesmo na nascente faz correr em nós o mais secreto sal da terra e a chuva do céu. Mas a própria água é uma delícia que o doente que eu sou só pode gozar com sobriedade. Não importa: mesmo na agonia e misturada com a amargura das últimas poções, esforçar-me-ei por sentir a sua fresca insipidez nos meus lábios.

Fiz uma breve experiência de abstinência de carne nas escolas de filosofia, onde se ensaiam de uma vez para sempre todos os métodos de conduta; mais tarde, na Ásia, vi gimnosofistas indianos desviarem a cabeça dos cordeiros fumegantes e dos quartos de gazela servidos na tenda de Osroés. Mas essa prática, na qual a tua jovem austeridade encontra encanto, requer cuidados mais complicados que os da própria gula; separa-nos demasiadamente do comum dos homens numa função quase sempre pública e à qual preside, a maior parte das vezes, o aparato ou a amizade. Prefiro

alimentar-me durante toda a vida com patas gordas e galinhas-da-índia a fazer-me acusar pelos meus convivas, a cada refeição, de uma ostentação de ascetismo. Já tenho tido alguma dificuldade em evitar, com a ajuda de frutos secos ou do conteúdo de um copo lentamente bebido, que os meus convidados percebam que os pratos preparados pelos meus chefes eram mais para eles que para mim, ou que a minha curiosidade por essas iguarias acabava antes da sua. Um príncipe não tem, nestes casos, a latitude de que o filósofo dispõe: não pode permitir-se ser diferente em demasiados pontos ao mesmo tempo, e os deuses sabem que os pontos em que eu me diferenciava já eram bastantes, embora estivesse persuadido de que muitos deles seriam invisíveis. Quanto aos escrúpulos religiosos do gimnosofista, ao seu desgosto perante carnes ensanguentadas, impressionar-me-ia mais se eu não perguntasse a mim mesmo em que diferia essencialmente o sofrimento da erva que se corta do dos carneiros que são degolados, e se o nosso horror diante dos animais assassinados não é causado, sobretudo, pelo facto de a nossa sensibilidade pertencer ao mesmo reino. Mas em certos momentos da vida, nos períodos de jejum ritual, por exemplo, ou no decorrer das iniciações religiosas, conheci as vantagens que têm para o espírito, e os perigos também, as diferentes formas de abstinência ou mesmo de inanição voluntária, esses estados próximos da vertigem em que o corpo, em parte deslastrado, entra num mundo para o qual não é feito e que prefigura as frias levezas da morte. Noutras ocasiões, essas experiências permitiram-me apreciar a ideia do suicídio progressivo, a morte por inanição que foi a de alguns filósofos, espécie de deboche negativo em que se vai até ao esgotamento da substância humana. Mas desagradou-me sempre aderir totalmente a um sistema, e não teria querido que um escrúpulo me roubasse o direito de me empanzinar de salsicharia se por acaso me apetecesse ou se esse alimento fosse o único fácil de obter.

Os cínicos e os moralistas estão de acordo quanto a colocar as voluptuosidades do amor entre os prazeres ditos grosseiros, entre o prazer de beber e o de comer, declarando-os, contudo, visto que